



*Por uma cultura de paz*

## **117. RedeUnaViva: Meditação Cristã 117 – paragem 135 – 11.12.2016**

MARCOS 8:31-33; MATEUS 16:21-23; LUCAS 9:22

### **SIMÃO PEDRO, A PEDRA DE TROPEÇO.**

Retiro-4

#### **117.1 Auto-indagação reflexiva e expansiva:**

1. Como entender os quatro passos da paixão vaticinada pelo Cristo?
2. Por que subitamente Pedro deixou de ser inspirado por Deus e passou a ser influenciado por satanás?

**Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:**

3. Como me livrar do satanás, na hora da meditação?

#### **117.2 Introdução: A dualidade de Pedro e nossa.**

Porque o Cristo visualizou seu destino próximo entendeu a necessidade de colocar a par seus discípulos já que o tempo vindouro, aquele que concluiria sua passagem pela Terra, seria sombrio. Seria sofrido mesmo, uma paixão máxima, tão bem ao gosto de grande parcela da humanidade.

Esclarece sobre os quatro passos porque deveria transitar quando subisse na direção de Jerusalém, no momento derradeiro de sua missão.

Pedro, que ainda há pouco fora inspirado pelo Pai que está nos céus, reage. Não tolera ouvir a desgraça prevista para o seu querido Mestre. Considera estar sendo protetor de Jesus quando combate os presságios infelizes anunciados nos colóquios íntimos. Mas Jesus o desautoriza com a mesma intensidade que o abençoara no primeiro momento.



*Por uma cultura de paz*

Está exposta a condição dual do apóstolo e, por reflexão, nossa também. Este é um dos ensinamentos preciosos da passagem.

Não nos iludamos. Se acertamos, fazendo o bem e cooperando em realizações humanistas no curso do cenário atual, não usemos tal acerto como indicação de infalibilidade, nem de apoio para a vaidade. No passo imediato poderá saltar a casca escorregadia ou a pedra de tropeço. Estejamos atentos e vigilantes. Nunca vigorará como excessiva a exortação do vigiar e orar. Se, contudo, cairmos, pela imprevidência no ato de falar ou de agir, não nos demorem na culpa improdutiva. Que dure o remorso apenas o suficiente para fomentar a reparação ou a iniciativa de novo investimento. Pensemos a ferida da queda, porque tantas reclamam o cuidado cicatrizante, mas não esqueçamos que a próxima construção também reclama outra sementeira e o cultivo da sua consequente ação.

Esta dualidade pessoal ensina-nos que ainda assim marcharemos. Para que prevaleça o equilíbrio em cada passo da linha reta alvejada, onde pendem os dois chamados, do anjo e do satanás, o empenho há de ser laborioso. Aprendamos com Pedro, e mais ainda com o Mestre de Pedro, compartilhado com alegria. Com este, os quatro passos, que precedem ou indicam as características da paixão, funcionam como quatro estágios da superação total. Basta lembrar que o terceiro exige o desprendimento máximo daquilo que parece ser o nosso bem maior, a vida neste corpo e tempo. É preciso estar muito certo de onde se encontra a verdadeira vida antes de se apresentar para este sacrifício extremo.

Esta narrativa vem de novo dos três sinóticos. A leitura dos três versículos de cada um, Mateus e Marcos, somados ao único de Lucas, revela o mesmo teor de ensinamento, e sua comparação permite visualizar o que aconteceu após aquele dia sagrado em que o Messias ficou declarado oficialmente.

**117.3 Evangelho-parte 1: Jesus discrimina os quatro passos da sua paixão.** (Mt, Lc, Mc)

**Mt 16:21. Desde esse tempo, começou Jesus a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário ir a Jerusalém e padecer muitas coisas dos mais velhos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser assassinado e no terceiro dia ser despertado (ressuscitado)**

**Lc 9:22. Dizendo: "É necessário que o Filho do Homem padeça muitas coisas e seja rejeitado pelos mais velhos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas, seja assassinado e no terceiro dia seja despertado (ressuscitado)**

**Mc 8:31. E começou a ensinar-lhes que precisava o Filho do Homem padecer muitas coisas, ser rejeitado pelos mais velhos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas, ser assassinado e após três dias levantar-se (ressuscitar).**



*Por uma cultura de paz*

1. A partir da comunicação oficial de ser o Messias, Jesus começou a esclarecer os discípulos sobre o seu fim na Terra, a fim de preveni-los.
2. Disse-lhes ser necessário que o Filho do Homem subisse até Jerusalém, onde padeceria muitas atrocidades.
3. Seria rejeitado pelos sacerdotes do sinédrio – os presbíteros (mais velhos), os principais e os escribas.
4. Seria assassinado.
5. E, no terceiro dia, ressuscitaria.

#### 117.4 Evangelho-parte 2: Pedro contesta, mas o Cristo o enquadra. (Mc, Mt)

**Mc 8:32. E abertamente falava esse ensino. Então, chamando-o à parte, Pedro começou a repreendê-lo.**

**33. Mas, virando-se e olhando para seus discípulos, repreendeu a Pedro, dizendo: "Vai para trás de mim, adversário, porque não pensas nas coisas de Deus, mas nas dos homens".**

**Mt 16:22. Correndo a protegê-lo, Pedro começou a repreendê-lo, dizendo: "Deus te guarde, Senhor: de modo algum te acontecerá isso"!**

**23. Mas, virando se ele, disse a Pedro: "Vai para trás de mim, adversário; tu me és pedra de tropeço, porque não pensas nas coisas de Deus, mas sim nas dos homens".**

6. Numa das vezes em que o Mestre repetiu este vaticínio, Pedro o chamou à parte.
7. Preocupado e com cuidado, pediu que não afirmasse tais desgraças: “Deus te guarde, Senhor. De modo algum te acontecerá isso”.
8. Mas por ser movido pelo medo, pela inocência e pelos interesses egoístas, o Cristo o repreende. Não deixa pairar dúvidas sobre quem detinha a sabedoria e a autoridade.
9. Admoesta-o com veemência: “Vá para trás de mim, satanás. Assim, tu me és pedra de tropeço porque não pensa nas coisas de Deus, mas nas dos homens”.

#### 117.1. Auto-indagação reflexiva e expansiva:

##### 1. Como entender os quatro passos da paixão vaticinada pelo Cristo?

Jesus é o Messias, e veio nos trazer boas notícias, a Boa Nova. Um sábio que insiste em mostrar o valor do amor universal, em particular a nós, os trogloditas. Imensa distância o separa dos seus pupilos, matriculados no jardim da infância. Está ciente desta árdua realidade e, portanto, do teor nada fácil da missão que lhe foi outorgada pelo Pai. Está cômico da série de embaraços que encontrará no transcurso



### *Por uma cultura de Paz*

da sua jornada, como as passagens têm testemunhado de sobra. Assumido o compromisso, não titubeia de que o levará a termo. Já nos ofereceu bastante as lições da fé. Descortinados que lhe foram os portais do destino, divisou, com clareza, os eventos vindouros. Precisou, por consequência, compartilhá-los com seus colaboradores diretos a fim de lhes preparar o espírito para a iminência da tempestade. Era mister que os preparasse para a assimilação de um aspecto bem difícil da sua doutrina, entremeada na missão. Não entendiam, ainda, que a necessidade do sacrífico, como pedra de toque do edifício cristão, era consequência direta do atraso dos humanos – do atraso, da rebeldia e da revanche. E este detalhe fundamental deveria constar da nova fase da tradição judaica estendida, incorporado ou rebatido.

Todo este período de Retirada, que estamos tratando desde a MC-110, trata-se de um preâmbulo, de uma preparação para a entrada nesta particular etapa do seu ministério.

Precisou discriminar os quatro passos que constariam no desfecho da sua missão.

1) Subirá à Jerusalém, onde padecerá atrocidades.

O templo de Salomão foi construído no cimo do morro de Moriá, em Jerusalém, numa altitude de, aproximadamente, 800 metros. A peregrinação dos 150 quilômetros que distavam Cafarnaum deste templo levaria de três a sete dias, a depender do ritmo da andança. Um percurso de subida, já que o Mar da Galileia tem uma altitude negativa, em relação ao nível do mar, de 213 metros.

Além dos aspectos topográficos dessa estrada, precisamos nos atentar para o seu sentido espiritual. Como última iniciação ela é prenhe de símbolos. A caminhada ascensional fala por si. O templo, colocado no ponto mais alto, não apenas fala da visão altaneira de quem o alcança, mas também que para lá chegar é necessário um movimento difícil que demanda esforço. Todo caminho, todo processo, passa por três fases distintas – começo, meio e fim – e cada qual com sua propriedade. Se o percurso é espiritual, termina no alto e no templo – que também pode estar no centro.

O Cristo não marchará para lá a fim de desfrutar da visão espiritual de quem alcançou o alto, porque estando onde estiver, já a detém. Aos poucos entenderemos o objetivo desse percurso. Sobre as alturas, muito poderia se dizer, sobre os morros em que esteve, mas cabe recordar agora, que no começo do seu ministério, simbolicamente, o diabo o conduziu ao alto do Moriá para lhe mostrar todas as terras que transferiria para sua posse caso desistisse do seu trabalho. A negativa veemente, ele repete com Pedro nesta ocasião.

Mas, diferente, como anuncia, lá no alto padecerá atrocidades.

2) Será rejeitado pelos sacerdotes.

Subirá até este centro religioso, porque tem *um encontro marcado* com os sacerdotes da tradição judaica. Este confronto final é necessário para que fique bem



*Por uma cultura de paz*

demarcada a fundamental mudança de paradigma no seio desta tradição. O Cristo já constatou não haver qualquer chance de, oficialmente, ser aceito como o Messias. Mas, como sua mensagem prevalecerá, disto também não há qualquer dúvida, uma nova ordem religiosa irá nascer desta dissensão. E sua paixão guardará símbolo precioso a ser decifrado a fim de que o entendimento desta significativa mudança de rumo, o novo paradigma, aconteça. Tudo vem sendo plantado com suas prédicas esclarecedoras durante o ministério galileu. Mas somente ficará selado o início do novo tempo, através da inusitada experiência que Jerusalém assistirá numa esquisita sexta-feira vindoura. Será o selo definitivo da sua rejeição pelo judaísmo.

3) Será assassinado.

Neste confronto final, cruento, aparentemente, será um perdedor, já que o poder vigente – os sacerdotes, inclusive e principalmente – lhe impingirá vexatórias atrocidades, culminando na sua morte por assassinato. Tudo procedido por meio de julgamento, casuístico sim, cujo fim já é antevisto, ou seja, sua condenação. Mas sua condenação não deixará de ser um assassinato, como ele, de antemão previne os apóstolos. Estes ainda não estão prontos para entender o significado desta submissão. De início, lhes parecerá clamorosa derrota com demonstração da fraqueza. Levarão algum tempo para assimilar este diferente viés da lei do amor.

4) Em contrapartida, ressuscitará.

Esta indubitável mensagem de esperança, flagrante da vida imanente, aquela que Jesus afirma o tempo todo possuir, há de ser sua declaração final, o desfecho da sua missão. Aquela que firmará de maneira luminosa sua jornada junto a nós. Quem possui a vida imanente não conhece a morte. Conhece a passagem, a transição, para outros planos da casa do Pai. Aquele que possui a vida imanente, passa pela existência e vence a morte, porque apesar dela acometer todo aquele que possui um corpo material, quem assumiu o seu Cristo vivo, desfaz-se deste envoltório como a lagarta que se transforma e, em borboleta, voa.

Apesar de o Cristo estar lhes dizendo que este final glorioso será o arremate da sua passagem junto a nós, os apóstolos não realizam esta promessa com a adequação necessária para lidarem com o final da paixão. Ficarão desolados, perdidos, sofridos e desesperançados, como haveremos de assistir. E também não a realiza em si, o próprio Pedro, agora, pois num misto de medo e inconformismo, quer demover o seu Mestre deste discurso preventivo e necessário.

**2. Por que subitamente Pedro deixou de ser inspirado por Deus e passou a ser influenciado por satanás?**

Se Pedro foi capaz de, num instante de singular inspiração, adentrar o plano mais sutil da vida, e de lá haurir alimentação especial para a alma, e, noutro momento quase que contíguo, apenas divisar os interesses imediatos, seja do indivíduo seja do



### *Por uma cultura de paz*

seu coletivo, é porque está a revelar não só a sua condição, mas também a nossa, a dos que demoram neste planeta, em laborioso curso de aperfeiçoamento.

Metade anjo, metade demônio, esta é a marca dual da realidade egoica. Não há como negar a herança divina que vibra em nosso interior, impulsionando-nos para frente e para o alto, não obstante vigendo em meio ao tenebroso inferno humano, de onde emergem demandas retrógradas e inferiores.

O Mestre não compactua com esta duplicidade. Como professor zeloso, que respira na unidade do Pai, instrui. Se é pródigo em bendizer o apóstolo na sua primeira manifestação, pela sintonia fina com a dimensão extra-humana, não é menos intenso em condená-lo na sua segunda e infeliz participação.

Jesus, no início do seu ministério, quando vai para o deserto jejuar e orar a fim de se compenetrar da realidade árida que está prestes a enfrentar, para ensinar à humanidade sua revolucionária doutrina de amor, confronta-se com o diabo, entendido como o adversário, como aquele que divide. Aquele que deseja dividir para se fortalecer e vencer. Planta a divisão no interior e no titubeio entre as partes, entre o céu e o inferno, entre o entendimento e as paixões, entre o querer e o dever, ele pega o indivíduo no contrapé. Este quando se dá conta já foi ao chão. É claro que o Cristo já havia vencido este princípio universal no processo evolutivo que o fez Filho do Homem. Mas ao vir respirar no calor humano e o ter como interlocutor constante nas suas interações, era certo de que o confrontaria com frequência.

Quando peregrinou e sentou-se no deserto, por uma quarentena de dias, em sua Prática dos Portais, nas suas meditações, vislumbrou na própria mente como o diabo lhe apareceria. Iria tenta-lo no egoísmo, oferecendo toda a sorte de nutrição que passa pelas sensações humanas. Mas Jesus não se interessou pelo dinheiro de Zaqueu, nem pelas carícias da mulher de vida fácil que lhe untou os pés e as pernas com o melhor dos unguentos. No orgulho do poder humano, como o que lhe seria oferecido pelos próprios beneficiados, na primeira multiplicação dos pães. Porém, recusou a coroa de rei dos judeus, dando conta não ser deste mundo o seu Reino. Na vaidade religiosa, quando Pedro, inocente e descuidado, o tenta para não tratar das coisas de Deus e, sim, trocá-las pelos negócios dos homens. Contudo, uma vez mais Jesus afasta de si o adversário, mesmo vindo através do apóstolo dileto.

Este antagonista com quem o Cristo lutou no deserto, simbolizou o preâmbulo da sua luta com toda a humanidade, resistente em aceitar as coisas de Deus. Nós somos os representantes desta humanidade, disso não nos iludamos. Portanto, é preciso estar atento, porque quando menos se espera, o demônio interior pode se avivar com propostas prejudiciais. O perigo, já que o adversário é ardiloso, é que estas propostas, tantas vezes, nos são apresentadas como belas e justificáveis iniciativas. É necessário muita vigilância para distinguir o joio do trigo. Para não cair na armadilha, que nós mesmos criamos. Pedro caiu, tropeçou na pedra-obstáculo, mas Jesus soube



*Por uma cultura de Paz*

recusá-la. Em nós está também este Pedro e o Cristo. Nossa fluência por um ou por outro será resultado do descuido e desejo ou da inspiração e vontade.

**Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:**

### **3. Como me livrar do satanás, na hora da meditação?**

Sendo Pedro sou pedra, e como tal posso ser a pedra angular, ou o seu oposto, a de tropeço. A pedra-arma que mata, ou o seu extremo, a preciosa que traz consigo o brilho da luz. Depende de quê?

Depende do que sinto e penso, do que falo e faço, mas principalmente, como esclareceu o Cristo, nessa ocasião, da intuição refinada apta a captar os movimentos do entorno. Em especial, aqueles do campo espiritual sintonizados com as leis da vida.

Sendo Pedro posso ser o entusiasmado pescador que, maravilhado com a farta pescaria proporcionada pelo Mestre, me lanço aos seus pés disposto a me tornar um pescador de homens. Mas, se não vigilante, posso ser aquele que antes do cantar matutino do galo já o terá negado três vezes.

Minha humanidade também canta alta, tantas vezes egoísta e rasteira. Se dividir meus interesses em oposição ao bem coletivo, estarei sendo a pedra de tropeço que atravanca o progresso geral. Tantas vezes assim agi.

Por isso, a cada noite, refaço mentalmente minha trajetória visando me acautelar contra sua repetição. Se infortunadamente isto foi fato, preciso rever conceitos, refazer percursos e reparar erros. Nada demais em pedir desculpas. Pelo contrário, desanuvia a mente e os corações voltam a sorrir.

Para não ser o adversário de mim mesmo, devo rejeitar os clamores das sensações físicas quando desconectadas de sentido maior. Isto é, se não afeitas ao nobre sentimento e ao entendimento reformista.

Se o vizinho me propor parcerias nocivas, se o amigo me oferecer vantagens escusas ou se o familiar alimentar discriminações preconceituosas, devo estar pronto para dizer não. Em troca, sugerir perspectiva diferente para adequar posição. A defesa da causa maior pede renúncia e o plantio do amor universal exige, tantas vezes, sacrifício, para o qual devo me preparar, independente de aprovações exteriores.

O oferecimento de ser pedra do genuíno movimento cristão clama por reflexão, oração e ação.

Por isso, começo o dia pedindo amparo e inspiração. A nova jornada se apresentará como escola e desafio. Mas se quero cooperar para paz que a Terra e humanidade merecem, trabalho, em meditação, o afastamento do adversário interior.



*Por uma cultura de paz*

117.5 **Versículo(s) para a meditação:** Mateus 16:22-23

22. Correndo a protegê-lo, Pedro começou a repreendê-lo, dizendo; "Deus te guarde, Senhor: de modo algum te acontecerá isso!"

23. Mas, virando se ele, disse a Pedro: "Vai para trás de mim, adversário; tu me és pedra de tropeço, porque não pensas nas coisas de Deus, mas sim nas dos homens"

**RedeUnaViva: Meditação Cristã 118 – paragem 211 – 18.12.16**  
**MATEUS 16:24-28; MARCOS 8:34-38/ 9:1; LUCAS 9:23-27**

